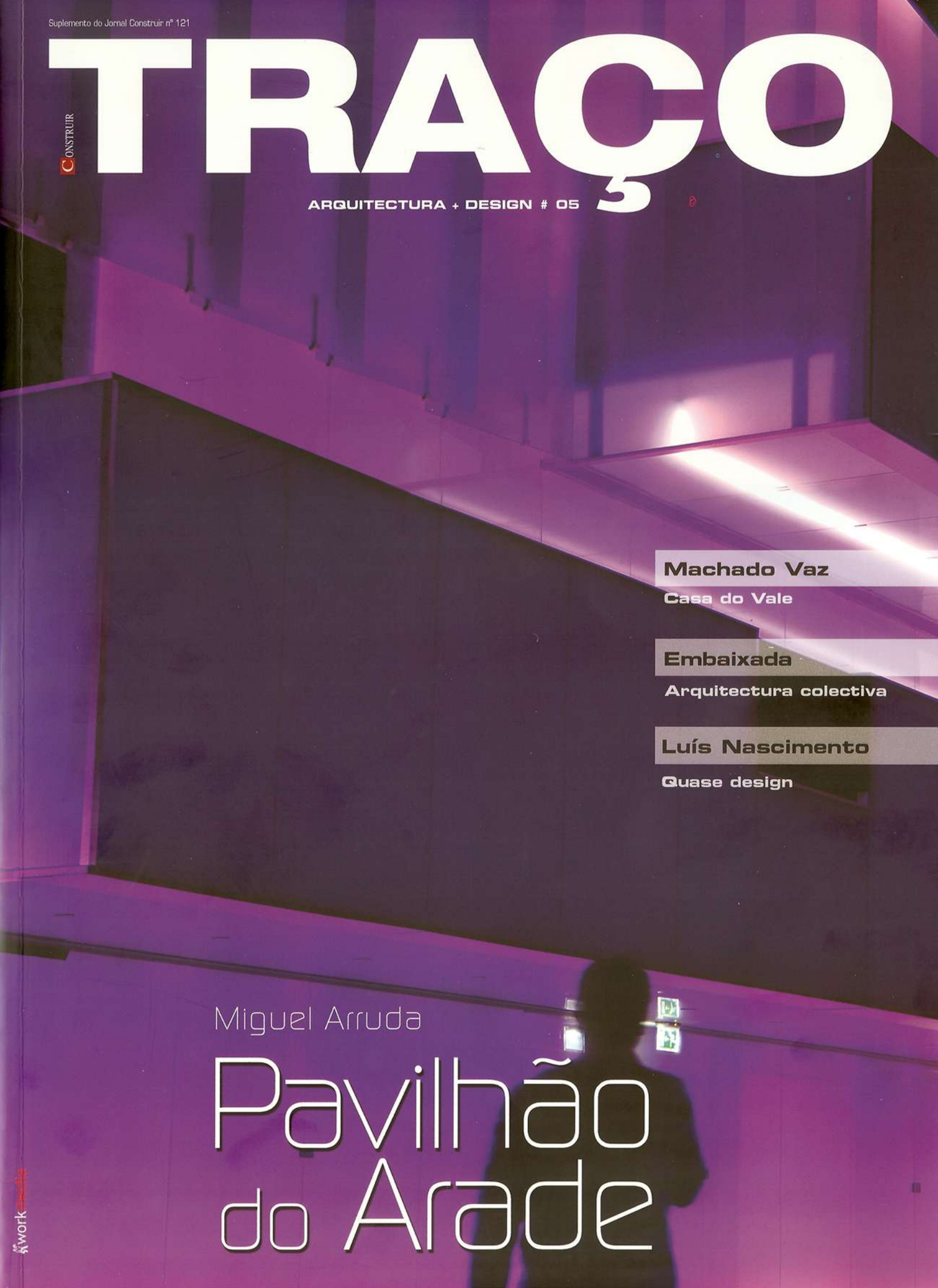
Suplemento do Jornal Construir nº 121

TRAÇO

CONSTRUIR

ARQUITECTURA + DESIGN # 05



Machado Vaz
Casa do Vale

Embaixada
Arquitectura colectiva

Luís Nascimento
Quase design

Miguel Arruda

Pavilhão do Arade

work

Nini Andrade Silva

Um estilo "Ninimalist"

A desenvolver projectos um pouco por todo o mundo, é nas viagens e no contacto com outras culturas que vai buscar a inspiração para o seu trabalho. Dona de um estilo próprio que combina o minimalismo com apontamentos de antiguidades, a Traço foi conhecer um pouco de Nini Andrade Silva

Texto de **Ana Rita Sevilha** # Fotos de **Hugo Gamboa**

A sua formação iniciou-se no IADE, mas o seu percurso académico prosseguiu um pouco por todo o mundo. Nova Iorque, Paris, Dinamarca, África do Sul. Essa diversidade reflecte-se hoje no seu trabalho? De que forma?

Nini Andrade Silva (NAS): Sem dúvida que se reflecte. A formação académica é uma base mas é uma base para formar directrizes e as viagens pelo mundo para mim são uma forma de aprendizagem. Eu aprendi muito com as minhas viagens e aprendo, esttou sempre a aprender todos os dias, porque eu viajo muito mesmo. Por exemplo, nós fabricamos na China, na Índia, nas Filipinas, aliás eu agora estou de partida outra fez. Por exemplo estou na China e alguém me fala que há uma coisa fantástica na Índia, eu meto-me num avião e vou à Índia, e é como se fosse ali e já venho. Nós fomos agora convidados para fazer um palácio em Viena, na Áustria, e eu estava a dizer ao Marco (quem coordena o atelier em Lisboa), quando for para a China vou passar por Viena que é mais fácil, e o Marco dizia assim, até me cansas só de te ouvir falar. É uma grande influência, as viagens, o povo, as culturas, o facto de pensarem diferente, essas são para mim as coisas mais importantes.

Mas essas viagens foram acontecendo como um complemento à licenciatura...

NAS: No princípio foi. Estive a estudar em Nova Iorque, continuei o meu percurso pela África do Sul, onde me especializei em Pintura de Interiores, e fiz um curso na Dinamarca de Design de Interiores. Hoje em dia já não. Fomos encontrando fábricas um pouco por todo o mundo para trabalharem para nós, através de um processo que consiste em fazer os desenhos em Portugal e depois enviá-los para esses países, ou seja, todas as minhas viagens tem como base e fundamento o trabalho. Aliás eu já nem sei viajar sem ser a trabalho, infelizmente acho que estou assim. Fui à pouco tempo para o Brasil, e tava no aeroporto rodeada de catálogos de cadeiras e à minha volta um conjunto de pessoas com ar de quem ia para a praia, com a família toda, os filhos, e eu às tantas olhei para mim com aqueles catálogos todos e pensei: de facto o mundo para mim tornou-se tão pequeno que já não sei o que é ser como as pessoassão, e dei por mim a pensar se valeria a pena. Mas é a única maneira que eu sei viver.

Na África do Sul especializou-se em Pintura de Interiores. No que consiste?

NAS: Na altura houve uma grande moda à volta desse tema. Consistia em marmoreados, esponjados, efeitos que se colocavam nas paredes, frescos, tudo isso. Eram técnicas que naquela altura estavam muito na moda mas que actualmente já quase não se utilizam. Eu gosto de saber sempre como se faz, porque é a única maneira de poder e conseguir criticar o trabalho dos outros. Por isso sempre que estou a fazer algo gosto de saber como se faz, como se constrói.

te estava na primeira página de um jornal diário da Arábia Saudita, e tinha uma quantidade de árabes atrás de mim pelo facto de ir pintar a pedra. Foi muito engraçado. E nessa altura também conheci um conjunto de pessoas ligadas a uma universidade, entre eles um conjunto de arquitectos libaneses que viviam na Arábia Saudita, que agora querem fazer uma parceria connosco. Temos mantido os contactos com o objectivo de começar a desenvolver trabalhos com eles.

Quando pega nesses temas para desenvolver determinado trabalho o que é que a inspira?

NAS: Primeiro é peça fundamental para mim conhecer as pessoas com quem ou para quem vou trabalhar, tenho de saber o que querem, onde e como é o trabalho, depois a partir daí crio uma história para posteriormente contar. Tenho de me inspirar na zona e no que vai acontecer ali, e depois começa a crescer. Principalmente sou uma contadora de histórias, e conto-as através do meu trabalho.

Considera que tem um estilo próprio? Existem características que são inerentes a todas as suas intervenções?

NAS: Tenho, eu acho que tenho. As pessoas chamam-me "Ninimalist", até foram os ingleses que me colocaram esse nome. Uma característica do meu trabalho é o facto de colocar sempre qualquer coisa de antiguidades em tudo o que faço. Até aqui no meu atelier, se reparar está ali um tambor tailandês que é uma antiguidade. Eu gosto de dar alma às coisas, e através dessas peças consigo isso. Talvez seja isso, o facto de misturar sempre antiguidades com uma linha minimalista e mais contemporânea. E há outra coisa sempre presente nos meus trabalhos, os tapetes têm sempre uma risca, tem quase sempre esta característica. Eu acho isso engraçado. Estava a falar com um arquitecto um dia destes que está a fazer um hotel nos cores, e ele dizia-me, "é a Nini que está aqui a fazer o Hotel das Furnas"?. Eu disse não porque, "porque é igual a si. Vou descobrir quem é", dizia ele, isto é o seu estilo. Por isso eu acho que devo ter um estilo próprio porque as pessoas chegam aos sítios e já sabem que sou eu.

Está a desenvolver uma linha de mobiliário na Ásia que será comercializada internacionalmente. Porquê a Ásia e que características têm estas peças?

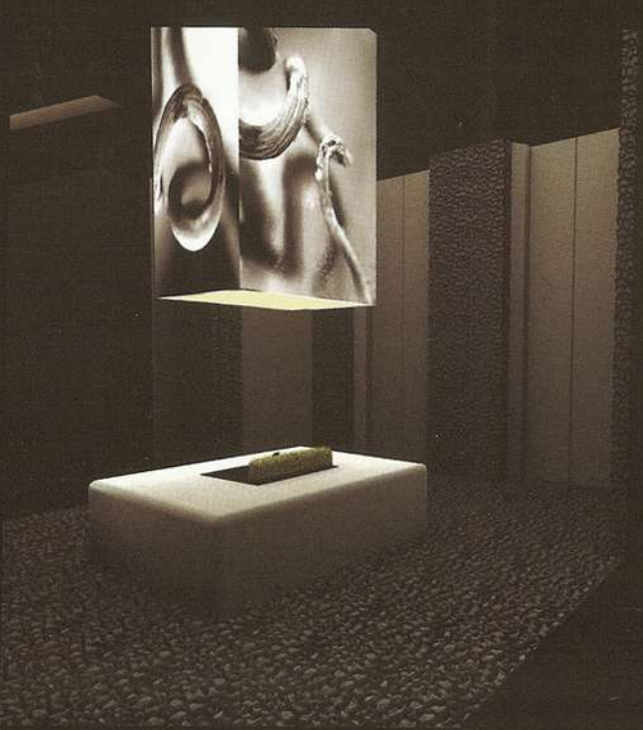
NAS: A Ásia porque existem muitos materiais que não se encontra em Portugal, que

Tem actualmente em desenvolvimento projectos em lugares de culturas tão diferentes como Brasil, Japão e Arábia Saudita. Como é projectar para culturas tão distintas das nossas. Que tipo de metodologia e de preocupacões são tidas em conta?

NAS: O tipo de metodologia é sempre igual, mesmo que o trabalho seja para uma localidade dentro do nosso país. Agora, existem diferenças e cada caso deve ser visto como um caso isolado. Se tiver a projectar para a Madeira tenho de ter certas coisas em conta, e depois como gosto de dar temas aos trabalhos, constantemente tenho de estudar vários factores típicos do local para onde estou a trabalhar. Por exemplo agora estamos a fazer um hotel na Madeira que se chama "Hotel The Vine". Está giríssimo. Neste projecto tudo tem a ver com o vinho, com a madeira. Portanto, se eu estiver na China ou no Japão também tenho de encontrar esses temas. Acho que é tudo muito relativo e as pessoas no fim acabam por ser iguais em todo o lado, embora os princípios sejam diferentes as pessoas são muito parecidas.

No caso da Arábia Saudita que temas estão a ser trabalhados?

NAS: Eu fui à Arábia Saudita na altura de uma viagem do Governo e nem tinha nada a ver com design de interiores mas foi muito interessante. Eu tenho uma colecção de telas com pinturas de pedras que é a "Garota do Calhau", e então, na altura houve um jantar com o príncipe e eu fiquei sentada ao seu lado, e o príncipe estava a perguntar-me o que fazia e eu disse que pintava pedras, e ele disse, "que giro, o meu bisavô quando chegou à Arábia Saudita, quando tomou a cidade, foi a partir de uma grande pedra que nós temos aqui. Será que pode ir lá e pintar essa pedra?". E eu disse que sim, porque não? No dia seguin-



Estive a estudar em Nova Iorque, continuei o meu percurso pela África do Sul, onde me especializei em Pintura de Interiores, e fiz um curso na Dinamarca de Design de Interiores.

são só deles. Assim como nas Filipinas se encontra uma espécie de material, na China outro, existem coisas características de cada país. Por exemplo nas Filipinas fazemos muita coisa com laca, com madrepérola, e é muito engraçado porque por vezes tento explicar às pessoas o que é e dizem, "não, madrepérola não", porque têm na imaginação as coisas que conhecem, mas nem sempre é assim, existem coisas muito bonitas nesse material. No fundo eu tenho uma paixão pela Ásia, passo a vida lá, e gostava de viver seis meses lá e seis meses cá. A maneira das pessoas, os materiais. A linha de mobiliário tem como características o uso de matérias-primas exóticas e acabamentos de enorme qualidade. Alguns dos nossos projectos cá têm essa linha de mobiliário, o Aquapura por exemplo, o Fontana Park Hotel também. No princípio estávamos a pensar vender essa linha mais para a Europa mas o mundo asiático nunca mais acaba. Acabámos por conhecer uma pessoa na Malásia que está a fazer uma parceria connosco para começarmos a vender as peças na Ásia, por isso vamos começar por lá. Neste momento a linha já está desenhada, e muitos dos nossos trabalhos no ramo da hotelaria já contam com essas peças. Na Ásia não é possível fazer uma única peça, quando se desenha uma linha tem de se fazer essas peças em grande número, não pode ser para uma casa particular por exemplo, tem de ser pensado para um sítio que consiga levar um conjunto delas, como um hotel, ou obras grandes, ou então é impossível fabricar lá. Hoje em dia na Ásia já não se encontra cópias, são trabalhos de designers mesmo, designers fantásticos com peças muito boas. Em qualquer lado do mundo o que é bom não é barato.

Segue tendências?

NAS: Não, sigo instintos, mais do que tendências. Se gosto de uma coisa, faço. Talvez por isso as pessoas achem que a minha linha é diferente dos outros. Não sigo tendências, crio tendências.

Tem uma marca registada chamada "Garota do Calhau". Que projecto é este?

NAS: Tem a ver com os meus quadros. Na Madeira, antigamente havia uns miúdos da rua que eram conhecidos como os garotos do calhau. Eram crianças que andavam em cima das pedras nas praias, e que mergulhavam e apanhavam as pedras que os estrangeiros atiravam ao mar. Então na altura comecei a pintar os calhaus para ajudar as crianças. Hoje em dia tenho um conjunto grande na colecção Berardo e parte do dinheiro da venda desses quadros é para ajudar crianças, pessoas necessitadas e instituições.

Contratar um designer de interiores é uma opção elitista, ou isso é uma espécie de mito?

NAS: É um mito. Está ao alcance de qualquer um. Mas um designer tem de se pagar e as pessoas por vezes não gostam de pagar ideias, porque não é uma coisa que se vê à partida. Por exemplo, no caso do Fontana Park Hotel, os quartos não têm móveis, existem duas prateleiras na mesa-de-cabeceira e uma prateleira enorme que serve de maleiro, para pôr a televisão, serve para tudo. Portanto, isso foi uma ideia que saiu barata ao dono, porque se for a ver o Fontana tem cem e tal quartos, o que nos pagou a nós não é nada comparado com o que iria gastar em móveis. Acho que cada vez mais as pessoas deveriam investir nos designers, nas ideias, porque se houver boas ideias, no final a obra acaba por sair mais barata.

O que a fascina nesta profissão?

NAS: Conhecer pessoas. Na realidade é conhecer pessoas, porque nesta profissão conhecemos todo o género de pessoas, trabalhamos com mestres, com engenheiros, com arquitectos, conhecemos os clientes, acho que trabalhamos com todo o tipo de pessoas que há no mundo. E é tão giro ver que há pessoas fascinantes em qualquer camada social. O acto de criar coisas também é muito bom.■

Pormenor

"Pormenor do corredor do Fontana Park Hotel, o novo design hotel de Lisboa, projectado por Aires Mateus arquitectos associados e decoração a cargo de Nini Andrade Silva"

Texto de **Filipe Gil**
Foto de **Hugo Gamboa**